

# Investidor não deve temer Brasil, afirma Lula em NY

Ex-presidente diz em palestra que são exageradas críticas ao país

**Declaração ocorre um dia após BC dos EUA apontar Brasil como um dos emergentes mais vulneráveis a choques**

ISABEL FLECK  
DE NOVA YORK

Diante de uma plateia de investidores americanos e empresários brasileiros ontem, em Nova York, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva tentou convencer os estrangeiros a colocar seu dinheiro no Brasil.

No dia anterior, o Fed (banco central americano) colocou o país como o segundo emergente mais vulnerável a choques externos. Entre 15 nações, o Brasil só perde em “fragilidade” para a Turquia.

Lula, no entanto, disse aos investidores que as recentes previsões de economistas sobre a vulnerabilidade do Brasil têm sido exageradas e destacou o crescimento do país nos últimos 11 anos —desde que o Partido dos Trabalhadores assumiu a Presidência.

“A principal mensagem de Lula foi: vocês não precisam ter medo de investir no Brasil”, disse à **Folha**, no fim do evento, um empresário que não quis se identificar.

Como a palestra foi fechada a membros do Americas Society e do Council of the Americas (responsáveis pelo evento) e a convidados, a

maioria dos participantes não quis comentar a fala de Lula.

O Council reúne representantes de importantes bancos dos EUA e do mundo, como JPMorgan, Bank of America, Citigroup e Santander, além de grandes companhias (Microsoft, General Motors, Pepsico e Boeing, por exemplo).

Segundo um empresário de um grande banco, que esteve presente à palestra, Lula ofereceu uma visão “muito positiva” e “confiante” sobre a economia brasileira. Para ele, o ex-presidente foi “bastante convincente”.

Lula, contudo, não destacou aos convidados números que evidenciassem a aparente tranquilidade da economia brasileira relatada por ele.

Em janeiro, o FMI voltou a reduzir a previsão de crescimento do PIB do país para 2014: para 2,3%, 0,2 ponto percentual menos do que na estimativa anterior.

Em 2013, o Brasil também registrou um rombo histórico nas suas contas externas de US\$ 81,4 bilhões —isto é, 3,66% do PIB, o pior resultado desde 2001.

Entre os indicadores de fragilidade usados pelo Fed, estão o déficit externo (diferença entre exportação e importação de bens e serviços) e o tamanho das reservas internacionais em relação ao PIB, a dívida bruta do governo na comparação com o PIB e a taxa média de inflação nos últimos três anos.